

Sherwood Newcastle R-965

Introdução

O Sherwood Newcastle R-965 é a terceira proposta da marca, com sufixo 965. As outras duas propostas são um processador de som (P-965) e um amplificador multi-canal (A-965) que, de certa forma, estão compilados nesta unidade R-965, na companhia de um receptor de rádio AM/FM.

Em poucas palavras, o Sherwood R-965 é uma máquina capaz de se entender com as principais modalidades de som analógico e digital, amplificando-as, até 7 canais de informação. Devido ao seu desenho modular, é possível recorrer somente à sua secção de amplificação, ficando a decodificação a cargo de uma unidade externa – para esse cenário, disponibilizam-se 8 entradas pré-amp –, ou então pode fazer-se o contrário, utilizando-o como decodificador/pré-amplificador para «músculo» externo, havendo 8+1 saídas, pois duplica-se a ligação para subwoofer.

Mas são assim todos os AVRs emblemáticos das marcas; as diferenças estão no preço, na usabilidade e na qualidade subjectiva da fruição.

Do ponto de vista da organização, a parte de trás deste Sherwood marca pontos em todas as categorias, excepto nos terminais de coluna que não rompem com a tradição AV da rosca – tal tradição sem mérito é, por exemplo, desafiada no Yamaha DSP Z9, que oferece conexões mais polivalentes.

Ainda assim, o R-965 arruma os terminais esquerdos... à esquerda; e os direitos... à direita. Pode parecer a solução óbvia, mas a verdade é que a maioria dos equipamentos ainda concentra as fichas todas numa só região, potenciando uma grande confusão de cabos.

Os elogios não se ficam por aqui: todas as fichas são douradas, em quantidade generosa e há mesmo suporte para a ligação a computadores pessoais, via USB. De notar que esta entrada USB só reconhece sinais PCM estéreo, pelo que não terá utilidade para os utilizadores que pretendam decodificações directas de outros formatos, como MP3, WMA e FLAC, por exemplo.

Em rigor, a ficha USB também reconhecerá cabeçalhos que sinalizem um upgrade (melhoramento) ao aparelho. Estes upgrades serão de interesse para a eventual correcção de problemas operacionais que venham a detectar-se, à medida que a comunidade de utilizadores vai crescendo, ou então para acrescentar funcionalidades, como o suporte a novos fluxos digitais.

Todavia, o decodificador integrado no Sherwood Newcastle R-965, não falha uma única modalidade de áudio digital, com expressão em DVD-Vídeo: Dolby Digital e Digital Theater System (DTS), são reconhecidos em qualquer variante. Estas modalidades codificam até 7+1 fluxos de som, independentes: frente-esquerdo (FE), frente-direito (FD), frente-centro (FC), posterior/surround-esquerdo (SE), posterior/surround-direito (SD), surround-

back esquerdo (SBE), surround-back direito (SBD), e low frequency effects (LFE), para subwoofers (SW).

Eis a «ementa» completa da face posterior do R-965:

- 2 entradas + 1 saída, de vídeo analógico, por componentes (Y, Cb, Cr), por fichas RCA;
- 8+1 saídas para canais áudio analógicos (FE, FD, FC, SE, SD, SBE, SBD, SW1 e SW2), por fichas RCA;
- 8 entradas para canais áudio analógicos (FE, FD, FC, SE, SD, SBE, SBD, SW), por fichas RCA;
- 4 entradas + 1 saída, de áudio digital, por fichas ópticas TOS-Link;
- 2 entradas de áudio digital, por fichas RCA;
- 1 entrada de áudio digital, por ficha USB;
- 4 entradas (Phono, CD, Tape, Aux) + 2 saídas (Aux, Tape Monitor), para áudio analógico estéreo, por fichas RCA;
- 5 entradas + 2 saídas, para vídeo analógico, por fichas RCA/vídeo composto e SVHS/S-Vídeo;
- fichas para as antenas FM e AM.

Também a frente do R-965 lembra(-me) o Yamaha Z9... devido às cores e à tampinha rebatível que, neste caso, protege o acesso a botões que só deverão ser utilizados pontualmente, como para a sintonia manual AM/FM e posterior memorização de estações.

Estão também presentes: uma entrada AV (AV6), uma entrada para áudio digital (OPTICAL5), uma saída para auscultadores, teclas relacionadas com acústicas especiais (às quais não prestei atenção) e com o funcionamento multi-room (room 2), este último exigindo um kit vendido em separado.

Ao contrário do Z9, o R-965 não incorpora nenhum microfone que deva instalar-se na posição de audição, de forma a fazer a configuração automática das colunas instaladas, mas faz-se acompanhar de dois telecomandos, um minimalista – destinado a controlar o funcionamento na segunda sala (room2), quando disponível –, outro colossal e soberbo em todos os detalhes, a começar na sensação táctil transmitida pelo material usado nas teclas (!)... e a terminar no seu visor LCD generoso, rodeado de botões multi-funções, cuja actuação depende do contexto.

Antes que se julgue que «depende do contexto» significa confusão, esforço de memorização ou interface menos bem conseguida, esclarece-se que o LCD que domina o telecomando principal, serve precisamente para atribuir etiquetas «virtuais» a essas teclas multi-capazes! Consoante a situação, consoante o texto que lhes corresponde no LCD.

Fiquei realmente muito bem impressionado com o telecomando RNC-510, que até pode ser comprado em separado, e que também pode aprender outros telecomandos, por código ou por infra-vermelhos. O RNC-510 tem retro-iluminação, suporta macros (sequências acessíveis a partir de uma

única ordem) e caracteriza-se ainda por um joystick central, formidável para navegações em sistemas de menús.

Acima da tampa rebatível, estão os botões mais importantes: selecção da fonte de áudio, selecção da fonte de vídeo, utilização apenas enquanto amplificador (8 CH Direct), pure audio (para saltar qualquer processamento pelos DSP Cirrus Crystal e DACs Burr Brown e AKM), modo estéreo, comutador entre fontes analógicas e digitais, e teclas de standby e power, em separado.

O mostrador informativo tem, à esquerda, uma grande rodela que decide, por exemplo, o modo de audição (Bypass, modalidades DTS, acústicas como Hall, etc) e, à direita, o controlo de volume. Este mostrador faz uma representação gráfica das colunas activas, para o modo de operação seleccionado; tem ainda indicadores para todas as situações, incluindo a sinalização de sinais DTS de 24 bits e 96 kHz de amostragem.

Existe uma situação (Digital Re-mastering) em que o R-965 pode operar a 192 kHz/24 bits. Para usufruir desta modalidade, que só se aplica aos canais FE e FD, tem que estar seleccionada uma entrada digital, não resultando para os modos estéreo e pure áudio.

Uma vez em modo Digital Re-mastering, o Sherwood converte a amostragem do sinal digital admitido (tipicamente 48 kHz ou 96 kHz) para 192 kHz, pelo processador Analog Devices AD-1896, aproximando a sinusoidal correspondente da «correspondente» analógica... tudo não passe de matemática extrapolativa, com base na informação disponível.

De notar que o Digital Re-mastering NÃO afecta as saídas digitais do R-965, pelo que não é possível injectar o sinal 192/24 correspondente em equipamento externo.

Eis todas as modalidades surround suportadas:

DTS, DTS-ES, DTS-ES Discrete 6.1, DTS-ES Matrix 6.1, DTS-Neo 6, DTS-Neo 6 Cinema, DTS-Neo 6 Music, DTS 96/24, Dolby Digital, Dolby Digital EX, Dolby Prologic 2, Dolby Prologic 2 Movie, Dolby Prologic 2 Music, Dolby Prologic 2 Surround, Doby Virtual Speaker, Dolby Headphone, MPEG Multichannel... e outras 13 acústicas possíveis a partir de sinais estéreo, para a recriação artificial de ambientes (Theater, Movie, Hall, Stadium, Church, Arena, Game, 4CH, Matrix...).

O Sherwood Newcastle R-965 fez equipa com:

- colunas frontais Paradigm Reference Studio 100;
- coluna central Castle Keep;
- colunas posteriores Infinity Reference 50;
- subwoofer Energy ES-8.

A sua secção de amplificação apregoa 7x 120W@8 ohms. Em modo estéreo a potência documentada é de 2x 120W@8 ohms ou 2x 360W@2 ohms, o que sugere boa aptidão para lidar com momentos mais complexos.

Todas as audições aconteceram em modos Dolby Prologic 2 (DP2) ou Dolby Digital 5.1.

Opinião

O primeiro filme que o R-965 orquestrou comigo, foi o péssimo Legally Blonde 2 (Red, White and Blonde), de 2003. LB2 é extraordinariamente mau, mas como eu até tinha apreciado o original, julguei que iria passar uns bons momentos.

Por competente que tenha sido o desempenho do R-965, eu não estava em condições de lhe prestar atenção, tal a falta de qualidade do «filme»... que mais não é do que uma colagem de 95 minutos de histerismo, e (falta de) humor cor-de-rosa. Recomenda-se este título, a todos que julgarem já ter visto o pior que um orçamento razoável pode pagar.

Frustrado que estava, avancei para Dawn of the Dead (2004), que foi um fartote de rir. Infelizmente, é esse o efeito que têm em mim os filmes de terror, incluindo novidades supostamente «tenebrosas», como 11:11...

Mas quando rio, é porque gosto. Gostei muito de Dawn of the Dead. A história é simples: um grupo de pessoas tenta sobreviver a uma infestação de zombies. O acompanhamento sonoro lembra os primeiros títulos de John Carpenter, mas o ponto literalmente forte são os disparos das diversas armas de fogo: se reproduzidos devidamente, o espectador é martelado no peito! Foi assim com o Sherwood em teste!, que nesta oportunidade manifestou coerência entre colunas tão diversas como as utilizadas e músculo nas explosões.

Todavia, à medida que o filme foi avançando e os personagens transitando da clausura para o mundo exterior, num esforço para sobreviverem, enfrentando acústicas mais abertas e complexas, fui percebendo a importância de um bom subwoofer activo, para companheiro do R-965, cujos recursos soam mais aplicados à reprodução de detalhes, firmemente localizados no espaço, do que à manifestação de graves ágeis e generosos, pelas colunas que amplifica – faz sentido.

O filme mais relevante para a minha opinião, acabou por ser Hellboy (2004), com direcção de Guillermo del Toro. Aqui o argumento conta a vida de um personagem do «outro mundo», a fazer de super herói neste mundo: um spiderman com chifres, que não usa disfarces e cujo sucesso depende mesmo de um conjunto de pessoas que conhecem a sua natureza.

Hellboy pareceu-me desprezioso: um filme de acção, com muitos momentos de comédia e uma dose adequada de efeitos especiais.

Numa perspectiva AV, o valor de Hellboy, está na sua orquestração clássica, com momentos massivos e situações exigentes, pela complexidade, espacialidade e dinâmica. Por exemplo, logo no primeiro capítulo em que o espectador conhece Hellboy adulto e a sua «profissão», acontece uma cena de perseguição com muita louça partida, ricochetes de projecteis e explosões

súbitas: a receita decana para demonstrações AV, em eventos da especialidade.

Esse capítulo foi um prazer, com o Sherwood R-965: o recorte nos detalhes, a ausência de agudos gritantes, a firmeza na arrumação dos eventos no espaço e a sustentação credível dos sons (que não se evaporam de imediato, como se não houvesse meio onde propagarem-se), são atributos de qualidade.

Desligando o subwoofer, confirma-se que o virtuosismo é relativamente limitado na intensidade de base. Sem o Energy ES-8, perde-se ímpeto nos graves; o restante do espectro fica mais denunciado, acentuando a percepção do que há de bom e de menos bom: um extremo agudo que não é referência em transparência, mas que ajuda a prevenir fenómenos de granulado digital e estridências.

O desempenho estritamente musical do R-965 não é negligenciável, em modo bypass! Acima de tudo, há uma aura de naturalidade nas sessões. Também o sintonizador FM merece uma palavra, pois não é exigente quanto à intensidade do sinal e deixou-me entusiasmado em programas como «Um Toque de Jazz» (aos domingos, na Antena 2).

Resumo

O Sherwood Newcastle R-965 é um decodificador 7.1, com amplificação integrada para 7 canais, que se entende com todas as modalidades relevantes de som envolvente. Integra ainda um sintonizador AM/FM.

O seu desempenho assegura sessões detalhadas, rigorosas na localização espacial, sem estridências, firmes ao longo do volume «sensato», coerentes ao longo das colunas instaladas, agradecendo o apoio de um bom subwoofer activo.

O telecomando fornecido é soberbo!